

Comunidade do Maciel comemora com Champanhe o tombamento



A maioria dos prédios está em completo estado de abandono, reduzidos a ruínas. São poucos os que já foram recuperados ou estão à espera de recursos para serem reparados

Jaciara Santos
Reportagem local

É verdade que o estouro das rolhas de champanhe, que brindavam o tombamento do centro histórico pela Unesco, se misturava com os foguetes que saudavam Santa Bárbara, numa alegre comemoração. Mas é também verdade que a chuva fina que caiu sobre a cidade na manhã de ontem tornava mais sombria a perspectiva de a população local ser expulsa da área pelos serviços de restauração do casario — entre um gole e outro de bebida, dona Elvira de Souza, 55 anos, presidente do Clube de Mães do Maciel, chorava sem saber explicar ao certo "se é de alegria ou de tristeza".

Foi nesse clima mesclado de euforia e preocupação que os 20 mil moradores do centro histórico de Salvador viveram seu primeiro dia de habitantes de patrimônio histórico da humanidade. Não existem muitas certezas até o momento. A rigor, sobre nada. O próprio diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, Benito Sarno, 54 anos, visivelmente emocionado — mal conseguiu abrir a primeira das quatro garrafas de champanhe — não sabia se a área proposta, entre o Sodré e a Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, fora aceita pela Unesco.

INSTRUMENTO POLÍTICO

— Na verdade, o que eu soube foi do tombamento e só — informava Sarno. O próprio tombamento lhe foi comunicado por uma repórter de televisão local. "Eu liguei para o Sphan, daqui e do Rio de Janeiro e ninguém sabia de nada. Só às 18 horas, é que consegui me comunicar com o Ministério da Cultura, obtendo a confirmação sem maiores detalhes".

Detalhes, entretanto, é o que menos importa para o satisfeito Sarno. "Importa mesmo é que dispomos agora de um instrumento político para cobrar recursos aos governos estadual e federal". É assim que o Ipac pretende agilizar os diversos planos engavetados para a revitalização do centro e que sempre esbarraram na falta de verbas. A questão da habitação, em primeiro lugar, enfatiza o diretor. "É nessa área", anuncia, "vamos levar avante nosso desejo de manter a população já enraizada e remanejar aquela parcela ociosa, marginal, que utiliza o espaço apenas como esconderijo".

Ponto nevrálgico da questão, os habitantes do centro histórico já começam a dar dor de cabeça a pelo menos duas pessoas que lutaram pela preservação: Elvira de Souza e Clarindo Silva, 43 anos, o mestre Calá, da Cantina da Lua. Enquanto ela lembra que "os marginais são pessoas sem

oportunidade e que por isso deviam ser incentivadas a se recuperarem", ele observa que "sem os ditos marginais — na verdade, subempregados, trabalhadores salário mínimo... — o centro vai morrer".

Embora talvez não tenha tempo de ver, na qualidade de prefeito de Salvador, os primeiros frutos de uma idéia que vem semeando ao longo de sua vida pública, o prefeito Manoel Castro recebeu com alegria a notícia do tombamento do centro histórico. Com relação a planos que poderiam ser postos em prática, a partir do reconhecimento por parte da Unesco, ele

lembra que são inúmeros, todos obstaculizados pela falta de verbas.

O que não é possível, alfineta Castro, "é falar em preservação só porque veio o tombamento". A revitalização de um conjunto arquitetônico do porte do centro histórico de Salvador, em sua opinião, "deveria ser uma prioridade em qualquer época, inclusive para que os organismos internacionais se sensibilizassem da sua importância". Na área municipal, lembra o prefeito, diversos esforços têm sido feitos, como é o caso da limpeza — há uma

semana os órgãos ligados a uma promoveram um seminário sobre o tema. Projetos mais ambiciosos também foram elaborados como o da criação de um Centro Administrativo do Centro Histórico.

Só que, lamenta o prefeito, "Em 15 ou 20 anos em que estivemos envolvidos com a administração pública constatamos que o Estado e o Município sempre aplicaram mais recursos na área do que o Governo Federal". A expectativa de Castro é de que com o tombamento as providências para a revitalização sejam agilizadas. "com a

ajuda, inclusive, de organismos internacionais".

ARREGAÇAR MANGAS

Acompanhando à distância — viajou ontem para Porto Seguro — o diretor da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), Ary Guimarães, não sabe ainda por onde vai começar as cobranças relativas à preservação. Tampouco seu substituto, professor Eduardo Simas. "A notícia chegou ontem (ontem) à tarde e sequer sabemos a área delimitada", confessa Simas. De qualquer

maneira, são otimistas as previsões de mudança no sofrido e decadente centro histórico.

Tão otimistas, como sempre foram os estudos em relação ao tombamento, observa o diretor do Ipac. "Eu acho que foi o nosso otimismo um dos grandes responsáveis pela vitória que estamos festejando agora", comenta Sarno, um professor de Arquitetura e adepto da filosofia naturalista, que deixou sua natural reserva para comemorar a ocasião com dezenas de funcionários.

Se parte do trabalho terminou, é agora que o grande trabalho começa. Pelo menos na visão do mestre Calá, da Cantina da Lua. "Temos que saber exatamente a área do tombamento", preocupa-se. "Porque se considerarmos apenas o Pelourinho é um absurdo, já que ficariam de fora peças importantes como a Praça Castro Alves, o Terreiro de Jesus (onde foi erigida a primeira Escola de Jesus e a primeira Faculdade de Medicina do Brasil), todo o conjunto arquitetônico do Carmo..." relaciona. Mas é tempo, para ele, de reunir os elementos técnicos e arregaçar mangas de camisa mostrando ao Governo Federal "que não se pode deixar acabar um patrimônio histórico da humanidade, como se fosse uma coisa sem importância".

Pelas ruas sujas do Maciel, Pelourinho e vizinhanças, prostradas e meninos barrigudos tinham preocupações mais imediatas que a comemoração pelo tombamento. Detentores de um índice de aproximadamente 40 por cento de doenças respiratórias contra 35 por cento de problemas do aparelho digestivo — segundo amostragem superficial feita pelo posto médico local — os moradores precisavam ontem lutar pela maior urgência cotidiana: a sobrevivência. É claro que o tombamento vai influir de maneira positiva em suas vidas, entende a diretora do Centro de Saúde, médica Casilda Ribeiro Santos Duarte, mas ela reconhece que antes de tudo é preciso atentar para as múltiplas carências da população.

Preocupação e festas. Por muito tempo esses dois aspectos se defrontaram pelas ruas do centro histórico. Hoje, às 15 horas, as mães do Pelourinho se reúnem para deliberar a posição diante da perspectiva de reassentamento em outras áreas da cidade — o encontro é na rua Gregório de Matos, 21. Pelo lado da festa, nos próximos dias o Ipac promove uma confraternização entre os diversos organismos que contribuíram para o tombamento, como Sphan, Faculdade de Arquitetura e outros. Ainda festejando, sábado a partir das 17 horas, Filhos de Gandhi, Comanches, Banda Axé e outras entidades carnavalescas turbam o grande carnaval do centro. Agora é, para sempre, patrimônio histórico da humanidade.

